

MISSIVAS MOVENTES: O MÉTODO EPISTOLAR COMO TECNOLOGIA SENSÍVEL DE COMUNICAÇÃO

Paula Gorini

Doutora em Comunicação (UERJ/2020), atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado no PPGCom/ UFF, sobre o desenvolvimento do Método Epistolar.

RESUMO

Este ensaio apresenta um relato de experiência sobre a pesquisa em desenvolvimento do Método Epistolar, em sua aplicação prática em sala de aula, o Projeto de Ensino Missivas Moventes. Este projeto foi realizado entre os anos de 2023 e 2024, na disciplina Oficina de Expressão Escrita, como parte do currículo regular da graduação em Estudos Culturais e Mídia, da Universidade Federal Fluminense. A metodologia que será aqui apresentada tem por finalidade facilitar processos criativos de produção textual, através da escrita de cartas, com o desenvolvimento de narrativas autobiográficas. Como observadora privilegiada e proponente do método, ainda em caráter experimental, buscava-se alcançar narrativas de histórias de vidas que emergem da prática da escrita livre, intimista e afetiva das cartas. Em paralelo, diante da produção textual apresentada pelos alunos, deu-se início a uma observação sensível e implicada da produção subjetiva em culturas juvenis atuais, a partir das cartas; sobre quais temas se colocam em maior evidência, no ato de narrarem a si mesmos. Uma hipótese é que o ato de narrar a si mesmo através das cartas, abre o campo para o simbólico e à produção de sentidos, e que, por isso, o método epistolar pode funcionar como tecnologia sensível de comunicação. O resultado do Projeto de Ensino foi a gravação de podcast experimental com as cartas escritas pelos alunos, que se tornaram públicas em julho de 2024. Este ensaio busca relatar as etapas e reflexões vivenciadas do projeto Missivas Moventes, com o método epistolar - uma pesquisa ainda inicial, mas que já reconhece algumas pistas de investigação.

Palavras-Chave:

Método Epistolar; Narrativas de Histórias de Vidas; Tecnologia sensível de Comunicação; Culturas Juvenis.

ABSTRACT

This essay presents an experience report on the development research of the Epistolary Method, in its practical application in the classroom, by the Missivas Moventes Teaching Project. This project was carried out between 2023 and 2024, within the course Workshop of Written Expression, as part of the regular undergraduate curriculum in Cultural Studies and Media, at Federal Fluminense University. The methodology that will be presented here aims to facilitate creative processes of textual production, through letter writing, with the development of autobiographical narratives. As a privileged observer and proponent of the method, which is still on an experimental basis, we sought to achieve narratives of life stories that emerge from the practice of a free, intimate and affective letters writing. In parallel, given the textual production presented by the students, it was started a sensitive and involved observation of the production of subjectivity in current youth cultures, based on the letters; about which themes are most evident, in the act of narrating themselves. One hypothesis is that the act of narrating oneself through letters opens the field for the symbolic and the production of meaning, and that's

why, therefore, the epistolary method can function as a sensitive communication technology. The result of the Teaching Project was the production of an experimental podcast with the letters written by the students, which became public in July 2024. This essay seeks to report the stages and reflections experienced in the Missivas Moventes Project using the epistolary method - as an initial research yet, but which already recognizes some investigation paths.

Palavras-Chave:

Epistolary Method; Life Story Narratives; Sensitive Technology of Communication; Youth Cultures.

1. INTRODUÇÃO: MÉTODO EPISTOLAR

Não é fácil escrever esta carta. Começou como um poema, um longo poema. Tentei transformá-la em um ensaio, mas o resultado ficou áspero, frio. Ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita. Como começar novamente? Como alcançar a intimidade e imediatez que quero? De que forma? Uma carta, claro. (Anzaldúa, 2000, p.229)

Na citação que inaugura este texto, Gloria Anzaldúa escreve uma “Carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, que é também uma crítica aos sistemas estruturais epistêmicos que operam exclusões de gênero, classe, raça, sexualidade. Na passagem citada, a autora fala da maneira como ela encontrou para se aproximar de outras mulheres escritoras: o formato de carta. A carta articula intimidade para chegar e tocar mulheres que, como ela, falam outras línguas e, por isso, lhes foi negada ou dificultada a manifestação de suas vozes: “Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos. Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito.” (Anzaldúa, 2000, p. 229).

O Método Epistolar é um projeto de pesquisa em desenvolvimento, pensado e inspirado pela escrita de cartas, que visa acessar narrativas de histórias de vidas, pela maneira como articula tempo, afetividade, intimidade e expressão criativa. Se desenvolve a partir dos estudos epistolares e da epistolografia (escrita de cartas) como metodologia sensível de comunicação, que tem como foco a investigação de novas processualidades e novas camadas de sensibilidade, com base na observação de narrativas de si, especialmente no que concerne ao recorte de culturas juvenis. O que será aqui apresentado é um relato da experiência do Projeto de Ensino Missivas Moventes, com base no método epistolar, realizado na Universidade Federal Fluminense/ UFF, para os alunos de graduação em Estudos Culturais e Mídia. Neste trabalho, iremos observar algumas reflexões acerca do tempo e da escrita de si. Um trabalho ensaístico, porque não pretende fechar resultados, mas sim levantar questões, e também por seu caráter introdutório à pesquisa em si.

A pesquisa do método epistolar tem seu embrião na realização de um podcast experimental com mulheres egressas do sistema prisional, Rádio-Carta Mulher (RCM), produzido em 2021, através de fomento direto do Fundo de Apoio

à Cultura Carioca (FOCA), e lançado em 2022 no Spotify e Youtube¹ - como relatado em artigo prévio, “Carta para Elas”². Naquele contexto, as cartas surgiram de forma intuitiva, como uma metodologia para acessar as narrativas de histórias de vidas das participantes do projeto, de modo que pudessem predominar suas próprias vozes. As cartas escritas pelas protagonistas do RCM, destinadas a outras mulheres que as marcaram, formaram o primeiro experimento com o método epistolar, que se mostrou extremamente produtivo, no processo de escrita livre e criativa das cartas em caráter autobiográfico.

O segundo experimento se deu através do Projeto de Ensino Missivas Moventes, durante o período de professora substituta no curso de graduação em Estudos Culturais e Mídia, na UFF (Universidade Federal Fluminense). A produção com os alunos resultou em um episódio-piloto de podcast experimental, gravado em suas vozes, com apoio do laboratório de áudio do IACS (Instituto de Arte e Comunicação Social), e lançado na plataforma de streaming do Spotify, através do canal do OCA (Observatório de Cinema e Audiovisual da UFF)³. No experimento com os alunos, o tempo se apresentou como a problemática mais evidente.

Com base nesse segundo experimento, a problemática a ser investigada diz respeito à produção subjetiva em nossa contemporaneidade e a maneira como as juventudes de hoje são impactadas pelas marcas da presença do digital. Uma hipótese é que através da escrita de cartas - uma mídia analógica, lenta, manual - é possível mobilizar outra dimensão simbólica acerca da reflexão que fazem de si, a carta como tecnologia sensível de lento processamento. Além disso, a escrita de cartas poderá tornar visível sentidos produzidos no âmbito das culturas juvenis, por seu aspecto fabulatório e autobiográfico, dando a ver, através de um recorte localizado na experiência do projeto de ensino, a maneira como os jovens narram a si mesmos.

Em termos metodológicos, será apresentado um debate teórico introdutório, a partir dos estudos da epistolografia, escrita de cartas, na busca pelos pontos de contato entre a escrita de cartas e ato criativo de relatar narrativamente histórias de vidas. Esta introdução apresenta o contato da pesquisa do Método Epistolar com bibliografia especializada. Em seguida, será apresentado o Projeto de Ensino Missivas Moventes, a aplicação do Método Epistolar como proposta didática, em sala de aula. O projeto teve duração de dois semestres, com uma média de 20 alunos por turma, porém, para este ensaio, serão apresentados apenas os recortes das cartas escritas pelos 7 alunos que também participaram do podcast. A análise dos trechos das cartas apresentadas será feita por um exercício interpretativo-criativo, como em um diálogo com as cartas, os temas emergentes a partir de suas produções, e seus possíveis articuladores teóricos. Por fim, será apresentada uma reflexão final, com base na experiência relatada, sobre a relevância da carta como tecnologia analógica que ainda produz sentido

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/@radio-cartamulher5582/videos>

2 Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21890>

3 Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6CpYy0VKw2z6qNDJY-8gbzs?si=DU5Wh3WwQfmYwjzzTNUtxQ>

em nossa atualidade.

2. O estudo sobre escrita de cartas

O filósofo Mikhail Bakhtin, em seu livro “Estética da criação verbal” (1997), apresenta a distinção entre gêneros discursivos primários e secundários, e inclui a carta no primeiro grupo, pois ela se constitui como parte de uma comunicação espontânea, de menor complexidade em relação aos gêneros de discurso secundários, como o romance, a pesquisa científica, ou a poesia. A grosso modo, seria dizer que as cartas, assim como os diálogos orais e relatos familiares, expressam enunciados cotidianos de pouca elaboração, atendendo a uma necessidade primária de comunicação e relação com o outro.

Porém, a carta pode alcançar outras esferas de complexidade, quando usada de forma discursiva, como na carta de Anzaldúa, citada na abertura deste ensaio. Isto porque a carta, por um lado, tem uma linguagem pessoalizada, de fácil apreensão, que simula intimidade e estabelece pontos de contatos entre remetente e destinatário. E, por outro lado, pode servir como estratégia discursiva para formulação de enunciados que ultrapassam o nível pessoal e atingem o social e o político, como a necessidade de resistir a opressões estruturais historicamente constituídas. Anzaldúa (2000) reflete: “Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever?” (p.230).

Da mesma forma que a escritora feminista mexicana, radicada nos Estados Unidos, questiona-se sobre a legitimidade de sua escrita, as cartas podem ser questionadas em sua discursividade. Para quem se escreve, quando se escreve uma carta? O que contém uma carta e como ela pode articular saberes em nossa contemporaneidade? Como pensar na permanência dessa tecnologia analógica, manual e vagarosa, em uma realidade de tempos acelerados em nossa contemporaneidade?

O que podemos começar a responder está na fala da teórica argentina Nora Bouvet, para quem as cartas podem ser compreendidas como um movimento: “Una carta es el conjunto de esos elementos ‘puestos en carta’, es decir, menos un estado de lo escrito que un movimiento de escritura.” (Bouvet, 2006, p.12)⁴. Bouvet, em seu livro “La escritura epistolar”, defende que o formato final ou gênero textual importa menos do que o ato em si de escrever uma carta. Pois na carta se aproximam mundos, se criam personagens (há uma relação muito próxima entre narrar e criar, para a autora, no contexto das cartas), ou se registra a história (através de notícias trocadas entre remetente-destinatário de acontecimentos históricos e sociais). É assim que a carta pode ser compreendida como movimento.

Para os teóricos da epistolografia, Renata Ferreira Costa, José Douglas Feliz de Sá e Luiza Daviane Santos Barbosa (2020), as cartas são como diálogos na ausência, como conversas entre pessoas que se encontram distantes, “Essa é a metáfora que acompanha a noção inicial da carta, afinal de contas ela nasce

4 Em tradução livre: Uma carta é o conjunto desses elementos “postos em carta”, isto é, menos um estado do escrito que um movimento de escritura.

de um distanciamento.” (p.147). Aqui podemos ler a carta como um movimento em direção ao outro. Ainda com base nesses autores, a escrita de carta, além de seu valor pessoal (na troca entre pessoas distantes, com temática livre e diversa), revela ainda um valor de coletivo, por estar circunstanciada em um certo tempo, lugar, situação: “a carta é o local onde os aspectos pessoais e coletivos se encontram e refletem as marcas da história de determinada sociedade.” (Costa; Sá; Barbosa, 2020, p.148). Cartas, epístolas, missivas são testemunhos de relações pessoais, sociais e culturais de um certo tempo.

As cartas também estão inseridas dentro de um contexto de estudos sobre a cultura, como defende Bouvet (2006):

Diversidad de situaciones posibles, de relaciones entre el yo y el tú que entablan obligatoriamente el emisor y el destinatario, hacen de lo epistolar un instrumento de articulación de la subjetividad a través de los tiempos, digno de estudio. Lugar privilegiado donde se entrecruzan las categorías de la deixis, en su forma abierta y formato por lo general breve y fragmentado, las cartas evidentemente han cumplido un rol sumamente importante en la construcción de ámbitos afectivos, políticos, intelectuales, artísticos. [...] Las cartas “íntimas” han sido instrumento para el pensamiento científico, un medio importante para discutir presupuestos y categorías teóricas, difundir ideas políticas, económicas, religiosas, filosóficas, comentar sucesos y textos publicados, es decir, han servido para expresar cuestiones que no pertenecen al ámbito estrecho de lo íntimo, lo que muestra la connivencia de la carta y del universo intelectual en la cultura. (p. 16)⁵

Nesse trecho, a autora defende a carta como relevante no campo da política, história, economia e social; e mesmo as cartas ditas íntimas, constituem um fazer social que é também político, econômico e histórico, porque está inserido no campo da cultura. Essas relações estão circunstanciadas pelas práticas humanas e a carta é objeto de interesse das ditas ciências humanas.

Em 2013, foi lançada uma coletânea de cartas, organizadas pelo inglês Shaun Usher, chamada “Cartas Extraordárias”, publicada no Brasil em 2014. Esta coletânea reúne cartas (fac-símiles de manuscritos, fotografias de cartas digitadas) escritas em diferentes contextos e lugares, e que ganharam status de documento histórico, seja pela relevância de quem as escreveu, ou pela autenticidade do fato narrado, que ajuda a compreender melhor a própria história humana. Como, por exemplo, nas cartas de mães que deixavam seus bebês

5 Em tradução livre: A diversidade de situações possíveis, de relações entre o eu e o tu que o emissor e o destinatário necessariamente estabelecem, fazem do epistolar um instrumento de articulação da subjetividade ao longo do tempo, digno de estudo. Lugar privilegiado onde se cruzam as categorias da deixis, na sua forma aberta e formato geralmente breve e fragmentado, as cartas têm evidentemente desempenhado um papel extremamente importante na construção das esferas emocional, política, intelectual e artística. [...] As cartas “íntimas” têm sido um instrumento do pensamento científico, um importante meio para discutir pressupostos e categorias teóricas, divulgar ideias políticas, econômicas, religiosas, filosóficas, comentar acontecimentos e textos publicados, ou seja, têm servido para expressar questões que não pertencem ao âmbito estreito do íntimo, o que mostra a conivência da carta e do universo intelectual na cultura.

recém-nascidos na porta do “Asilo dos Enjeitados”, em Nova Iorque, no século XIX; ou uma carta enviada, supostamente, pelo assassino psicopata Jack, o estripador, ao chefe do Comitê de Vigilância Georg Lusk; ou mesmo a carta escrita por Laura, esposa de Aldous Huxley, a seus cunhados, contando sobre a morte do escritor e suas últimas horas de vida em estado terminal de câncer, embaladas pela aplicação de uma dose de LSD.

Em 2017, foi lançada a coletânea “Cartas Brasileiras”, que, como o nome diz, é a versão nacional da primeira coletânea, organizada por Sérgio Rodrigues. Nela podemos encontrar a carta de Luiz Gama para seu pai, que o vendeu como escravizado ainda criança; de Elis Regina, para seu filho João Marcelo Bôscoli, quando criança, pedindo desculpas por não o ter conseguido amamentar; do austríaco Stefan Zweig, escrita de Petrópolis, sua carta de suicídio. Na apresentação, Rodrigues se refere às missivas como máquinas do tempo: “A relação íntima com o tempo está na substância das cartas. A lentidão era o habitat dos missivistas. [...] As cartas têm com o tempo uma relação de simbiose: são inseparáveis dele, embebedam-se dele e, desse modo, o conservam.” (p.8). A questão do tempo aparece na análise das cartas dos alunos, e também aparecia nos debates em sala de aula, que vislumbravam a carta como uma espécie de antagonista do tempo digital. Essa apreensão, contudo, se não óbvia, deve ser abordada com cuidado, uma vez que, neste trabalho, não se pretende criar oposições e antagonismos. Aqui, a carta será tratada como dispositivo poético que segue produzindo sentidos em nossa atualidade.

No campo das artes, as cartas também têm valor histórico e biográfico, tendo sido apresentadas em diversas coletâneas de artistas, de diferentes tempos, como em “Todas as cartas”, de Clarisse Lispector, 2020; na coletânea de cartas de Vincent Van Gogh, escritas para seu irmão Theo, publicadas no Brasil em 2010; ou nas cartas trocadas entre Hélio Oiticica e Lygia Clark, durante finais dos anos 1960, início de 1970, publicadas em 1998. Essas últimas refletem tanto sobre suas produções artísticas, quanto o contexto político histórico da ditadura militar no Brasil. Segundo o teórico Marcos Antonio de Moraes (2007), em artigo sobre a crítica genética⁶, no campo das artes, as cartas podem ocupar o lugar de uma “crônica da obra de arte”: “Confidências e impressões espalhadas pela correspondência de um artista, contam a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular que ajuda a compreender os meandros da criação da obra.” (p.30).

Ao longo das cartas trocadas entre Lygia e Hélio, por exemplo, nos deparamos com conceitos, experimentações, relatos sobre montagens de exposição, encontros com outros artistas, leituras, poesia, música. Processos de criação registrado em prosa epistolar. Nesse contexto, a epistolografia, como estudo de cartas, pode nos referenciar como testemunho sensível de um tempo.

3. Missivas Moventes: O tempo espiralar no encontro com alunos

⁶ Disciplina pertencente à Crítica Textual, do campo dos estudos teóricos das Letras, a crítica genética se debruça sobre o processo criativo descrito em testemunhos textuais na criação de um original.

Poesia é tempo. Tempo como ritornelo, disperso em uma espacialidade rítmica.
Leda Maria Martins, 2021

A dramaturga e ensaísta brasileira, Leda Maria Martins, nos empresta suas palavras e ideias para dialogar com este item do trabalho. Em suas reflexões sobre o tempo, ela conta como os saberes hegemônicos construíram uma ideia de tempo linear - muito aproximada da racionalização lógica do pensamento, reforçada pela palavra escrita -, como forma de apagamento de saberes não ocidentais, corporais e coerentes com a palavra oral. No entanto, outros saberes não-hegemônicos se relacionam com o tempo de maneira diferente. Os saberes que vem de África, e das filosofias afro-brasileiras, demonstram que a oralitura recorre a um tempo que é cíclico, assim como a poesia. Se pensarmos que as cartas são diálogos na ausência, e que reproduzem em forma de texto escrito a linguagem oral das conversas íntimas, as ideias de Martins podem também ser um caminho potente de reflexão teórica acerca do tempo, uma vez que este se apresentou como temática presente nos encontros com os alunos e nas cartas por eles escritas.

Em sala de aula, a proposta de curso Oficina de Expressão Escrita se apresentava pela perspectiva da epistolografia (estudo de escrita de cartas). Para funcionar, o planejamento consistiu em levar uma temática diferente a cada uma ou duas aulas, em que eram lidos textos teóricos ou literários, ou capítulos de livros publicados a partir do gênero textual carta. As aulas eram divididas entre apresentação e debate sobre os textos, a escrita de cartas e uma dinâmica de roda de compartilhamento. Sentados em círculo, num recurso pedagógico ao mesmo tempo intimista, afetivo e não-hierárquico, os alunos liam suas cartas e depois conversávamos sobre as cartas lidas, sempre em coerência com a temática da aula do dia e da proposta de uma escrita criativa. A construção das temáticas era flexível, podiam ser modificadas, adiadas, ressignificadas, a partir do compartilhamento e troca com os alunos.

Havia um desejo crescente na turma pela experimentação com a escrita criativa (que fugia aos modelos e formatos que normalmente encontravam na graduação) e o grupo que se engajou com o curso, em uma aula de sexta-feira à noite (18h), foi criando intimidade e confiança entre si e, assim, se aventurou ainda mais fundo em seus processos criativos. Um dos retornos mais significativos que tive foi de uma aluna que, no último dia de aula, me disse: “Eu gosto dessa aula porque é o único lugar que eu consigo parar”. Da minha parte, como leitora/ observadora privilegiada, aumentava o desejo de tornar as cartas públicas, pois recorrentemente pensava que esses escritos precisavam chegar no mundo.

O projeto de ensino se desenrolou, então, para um produto final, de comunicação experimental, em formato de podcast. *Missivas Moventes* foi gravado com as cartas de alunos (que se voluntariaram como colaboradores): Ana Clara Pimenta, Bruno Nemer, Igor Freitas, Livia Zardo, Maria Eugênia Sans, Romulo Magalhães e Vitória Lucas Almeida. Após gravação, as cartas passaram por um processo de edição, sonorização, mixagem e masterização. A metodologia completa seu ciclo com a publicação do podcast, em julho de 2024, quando as narrativas ganham outra camada de sentidos, na edição e sonoridade das am-

bientações propostas em roteiro; na passagem e experimentação da gravação de suas próprias histórias, em suas próprias vozes, no laboratório de áudio do IACS (Instituto de Arte e Comunicação Social/ UFF); ao tornar pública uma produção criativa.

A proposta temática do podcast experimental *Missivas Moventes*, “O que te move?”, começava assim: “Oi! Eu quero conhecer você. O que te move? O que faz seu corpo ir em direção ao outro, ao mundo? Onde seu impulso desejan- te te leva? O que é criar?”. Esta proposta surgiu a partir da leitura de Suely Rolnik, em seu artigo “Geopolítica da Cafetinagem” (2006), texto que avalia a cooptação da cultura pelo capitalismo, e de modos de resistência pela arte. Assim ela observa o processo criativo:

É o desassossego da crise que desencadeia o trabalho do pensamento – processo de criação que pode ser expresso sob forma verbal, seja ela teórica ou literária, mas também sob forma plástica, musical, cinematográfica, etc. ou simplesmente existencial. Seja qual for o meio de expressão, pensamos/criamos porque algo de nossa vida cotidiana nos força a inventar novos possíveis que integrem ao mapa de sentido vigente, a mutação sensível que pede passagem – nada a ver com a demanda narcísica de alinhar-se à “tendência” do momento para ganhar reconhecimento institucional e/ou prestígio midiático. (Rolnik, 2006, n.p)

Com base na ideia de que criamos porque somos forçados a inventar outros possíveis, a autora apresenta a expressão criativa como ato ligado à vida. Não criamos porque queremos, mas porque somos de alguma forma forçados a isso. Porque sofremos deslocamentos internos, provocados por crises, que nos fazem criar. Essa ideia é muito cara à metodologia epistolar, já que esta é entendida como algo que não está separado da vida. Revelam-se, nas cartas, contornos de nossa própria subjetividade, onde não se representa, mas, sim, se re-apresenta, partindo de nossos próprios impulsos desejan- tes que fazem o movimento em direção a um devir-outro.

Para a produção das missivas, foi compartilhado com o grupo um conjunto de 4 cartas: uma carta do pintor Vicent Van Gogh para seu irmão Théo (de Amsterdam, 3 de abril de 1878); uma carta da escritora Clarisse Lispector para o escritor, seu amigo, Fernando Sabino (de Berna, 27 de julho de 1946); uma carta do artista Hélio Oiticica para sua amiga, também artista, Lygia Clark (do Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 1968); e a resposta de Lygia para Hélio (de Paris, em 26 de outubro de 1968). Após a leitura das cartas, e debate sobre quais temas pareciam mais relevantes nos escritos, com quais cartas/ temas os alunos se identificavam mais, foi proposto que eles escrevessem uma carta a um colega de sala, e usassem as cartas escolhidas como disparadores poéticos. Assim:

Nessas cartas íntimas, escritas para pessoas queridas, próximas, os artistas falam sobre suas angústias, seus questionamentos de mundo, seus trabalhos. São disparadores poéticos inspiradores para nossa dinâmica, porque disparam reflexões e sensações. Relacionam arte e vida. A pergunta que fica, então, é: o que te move? (MISSIVAS MOVENTES, 2023)

As cartas produzidas através do método epistolar não foram enviadas a um destinatário, mas sim acionadas como dispositivos fabulatórios. Porém, ainda que não enviadas, para o método epistolar é imprescindível definir um destinatário, mesmo que fictício, pois essa definição a priori define também a modulação de tom e intimidade na carta escrita. O objetivo da proposta em sala de aula era de usar tanto os recursos teóricos, quanto os inspiradores e o formato de carta para a produção de narrativas de si. O espaço para ficção e real são entrecruzados, e, uma boa forma de abordar esse cruzamento é o conceito de fabulação.

Sobre a fabulação, conceito articulado com base nos filósofos Deleuze e Guattari (1995), entende-se que esta não se dá apenas no processo de “invenção” de seres e personagens da escrita literária, como também está presente nas próprias narrativas de si, que nada mais são do que a corporificação de nossas próprias perguntas, nossas próprias constatações ou de nosso próprio fluxo de pensamento. Fabulamos mesmo quando nos retemos à memória de acontecimentos, pois nosso imaginário produz ficções no momento mesmo que vivemos o acontecido, agregando camadas de sensações, que passam a configurar também a memória do vivido (Gorini, 2020).

Estudar as cartas em suas produções mesmas, é uma forma de compreender melhor a estrutura epistolar como dispositivo fabulatório autobiográfico. Nos próximos itens, vamos observar o encontro do método epistolar com os alunos que participaram do Projeto *Missivas Moventes*. Ao olhar para as cartas produzidas, poderemos seguir uma trilha de observação da teoria posta em prática, em que se revelam as camadas do tempo e do desejo de escrever com liberdade, o que faz vir à tona expressões sensíveis dos escritores em ação. Ou, como diria Anzaldúa (2000) em suas reflexões, “O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia.”(p.232).

3.1. Bruno e Igor

Na carta de Bruno Nemer⁷, a temática relacionada ao tempo digital aparece como introdução das perguntas que oferece o Igor, seu destinatário. Assim ele fala: “Nesse mundo digital, espero que você possa sentir melhor as minhas palavras, que são escritas manualmente nesse pedaço de papel. Eu queria te perguntar: o quê que te move?” (2023). O tempo está presente na carta do Bruno, no contato com seu destinatário, que o faz refletir sobre a carta manuscrita como um meio de poder sentir melhor as palavras, como mãos que podem atravessar o tempo e a materialidade do papel e tocar o outro. Um tempo que parece atuar de dentro para fora, do eu em direção ao outro. Bruno segue, fazendo referência à carta de Van Gogh:

Na carta que li do Van Gogh eu senti uma indagação dele, e certa ansiedade, sobre trabalho e produtividade. Fiquei pensando o quanto vivemos certos momentos em piloto automático e acabamos nos distanciando do propósito de nossas escolhas. Palavra bonita essa, né? Propósito. Nesses devaneios, me fiz essa mesma pergunta: o que me move? (Nemer, 2023)

7 As cartas de alunos aqui apresentadas foram autorizadas para escrita de artigo e para a produção do podcast *Missivas Moventes*.

Neste trecho fica evidente um tempo imposto de fora para dentro, do pulso das cidades, da velocidade mecanizada que empenhamos em nossa vida. A questão do tempo era muito presente nas cartas. Seja porque eles escreviam à mão, um texto, no período de 1 hora, no final da aula. E isso, como relataram, era pouco comum, já que estão acostumados a escrever trabalhos, montar apresentações, escrever em formato digital e normativo, e o fazem de casa. Seja porque havia o tempo de receber (a carta de um colega ou a proposta do dia) e depois pensar e escrever (ou responder). E o tempo de ler e ouvir, no compartilhamento em roda, suas produções.

Igor Freitas, estudante, também fala sobre ser atravessado pela velocidade da vida, em descompasso com seu próprio tempo. Na carta para Bruno, ele conta: "A velocidade da vida às vezes me deixa perdido, sem noção do que sou, envolto de paradigmas insolucionáveis que eu mesmo criei. Escrever me tira desse universo sufocado, pelo menos por algumas horas." (Freitas, 2023, grifo meu). Ao expor sua realidade diante do tempo, Igor parece reafirmar a ideia de "aqui eu posso parar". O tempo da escrita criativa, que se aproxima do tempo do diálogo, mesmo que entre ausentes, captura um ritmo mais orgânico, mais aproximado do corpo, onde é possível respirar. Mais à frente na carta, Igor complementa:

Quando digo melhor, estou certo disso. Assim como estamos certos do pôr-do-sol, mas não o vemos mover-se, até que já tenha se movido. Os labirintos descompassados em que eu me perdia já não existem mais. Me resta agora uma reta, tudo que preciso é de força. Força esta que tenho, pelo menos acredito nisso. Espero que a vida não me mostre o oposto. Digo isso sabendo sinceramente que ela vai me mostrar, e por saber sinto que ganhei o jogo. (Freitas, 2023)

Aqui, Igor também expressa a forma como os ritmos da vida se impõem sobre ele. Porém, em vez de falar de tempo, fala de espaço, de direções. Fala de movimento, que está presente na imagem do pôr-do-sol e dos caminhos que traça. Movimento é também a forma como nos deslocamos no espaço, quando falamos de movimento físico, ou dentro de si, em movimentos internos, subjetivos. São expressões de sentido que se abrem ao texto criativo escrito com o tempo reflexivo.

Aqui, podemos pensar no que Leda Martins define como tempo espiralar. Mais do que uma experiência cronológica, o tempo pode ser experienciado ontologicamente, o que significa, entre outras coisas, que ele não instaura apenas uma ordem sobre um resistente caos, ou organiza acontecimentos em cadência. O tempo constitui a própria existência enquanto expressão do sujeito em sua coletividade. Ela diz:

[...] movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências cronológicas e ontológicas que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. (Martins, 2021, n.p)

Tempo e memória se encontram a cada vez que abrimos e lemos uma carta. Da mesma forma, as cartas recebidas são celebradas com o tempo do demorar-se, das releituras, dos reencontros. Em uma carta escrita é possível pensar, apagar, refazer, guardar, reler, é possível escrever “com tempo”.

3.1.2 Maria e Clarisse

Nas cartas escritas por Clarisse Lispector, reunidas em uma coletânea e organizada como abordagem biográfica da escritora, revela-se, por seu caráter espontâneo, fragmentos de intimidade em narrativas autobiográficas. Olhemos para um trecho de carta escrita por Lispector a seu amigo Fernando Sabino, que também foi usada em aula, como disparador poético:

Me parece que cheguei a um ponto de onde não posso mais sair. Não quero empregar grandes palavras, mas isso é insuportável e eu tenho suportado segundo por segundo. [...] Estou cheia de problemas e cada dia um deles entra em estado de crise, sem socorro. Interrompi mesmo o trabalho. Minha impressão é de que é para sempre. (Lispector, 2020, n.p)

Esta carta não foi escrita para ser publicada. Curiosamente, revela uma escrita que trabalha em um fluxo de pensamento muito similar a de suas protagonistas. Ideias que seguem um ritmo próprio, um encadeamento de imagens, sensações, sentimentos, que desconcertam o tempo linear dos livros. O tempo do pensamento pode também ser visto como um tempo de descontinuidade e simultaneidade, como antes citado em Martins.

Em uma passagem da carta escrita pela aluna Maria Sans, impulsionada pela sensorialidade de Lispector, também parece acontecer um fluxo de pensamento que ganha velocidade na medida em que ela se apresenta por sua ansiedade. Ela diz:

Mas antes mesmo de ser perguntada sobre as questões existencialistas, eu mesmo as impus sobre mim: o que me movimenta? Pra que sirvo? O que me faz levantar todos os dias? Essas perguntas sempre me assustaram, ainda mais por pensar que sou uma máquina de erros ambulante. Pensar em mim mesma me faz sentir o gosto da ansiedade. Sempre parei por aí, me acomodei em pensar que bastava apenas existir, e mais nada. Neurótica-obsessiva, esse é o meu laudo. (Sans, 2023)

Maria cria uma trilha de perguntas e afirmações sobre si que mantém o leitor atento e no limite entre conhecer o outro na narrativa de si, e se reconhecer no outro, como uma espécie de espelho invertido.

Ainda com base na chave de leitura do tempo, Maria apresenta um ritmo que finaliza com um autodiagnóstico, “Neurótica-obsessiva, esse é o meu laudo”. Esse ritmo acelerado também aparecia relatado em sala de aula, sempre muito associado ao ritmo das redes sociotécnicas, a velocidade do digital. Interessante pensar que, nesse contexto, pulamos de assunto, gosto, trending topics, ou imagens, na rapidez do gesto de mover o polegar para cima, antes mesmo de captar o conteúdo que se apresenta. Um tempo veloz, que impõe modos de funcionamento marcados pela fragmentação, pelo descontínuo.

Paula Sibilia, em seu artigo “Você é o que o Google diz que você é” (2018), apresenta um debate que pode ser interessante para a reflexão sobre o tempo digital. Neste texto, a autora discute a questão da memória e do direito ao esquecimento nas plataformas digitais como “sonhos de uma memória editável ao gosto do consumidor, como se a própria vida fosse uma história contada em suporte digital, cujos episódios desagradáveis pudessem ser apagados – ou melhor, deletados – com a eficácia típica dos computadores e por livre decisão de cada um.” (p. 205). A crítica nos faz pensar que, na prática, não editamos nossas memórias digitais; há um museu de fotos, fatos, frases ou acontecimentos que simplesmente permanece à nossa revelia.

O que a reflexão de Sibilia nos acrescenta nesse debate é pensar sobre as subjetividades juvenis produzidas a partir dos atravessamentos das tecnologias digitais de comunicação, que são marcadas por um descontínuo contínuo. Se, por um lado, somos bombardeados com informações na interação entre redes sociotécnicas, por outro, temos a presença do perene mesmo naquilo que não queremos mais encontrar. O tempo linear aqui se funde, nem curvo, nem retilíneo, nem em movimento, nem parado. Um tempo desencontrado.

3.1.3 Vitória e Livia

Este tempo desencontrado também se revela na carta da aluna Vitória Almeida, para sua destinatária Livia. Nela, Vitória reflete sobre o sentido de deslocamento presente no movimento que é a própria vida. Ela diz:

Querida Livia, andei questionando a vida por aí e me perguntando o porquê disso tudo. Por que me levanto da cama todos os dias para ir pra faculdade? Por que sigo uma rotina recheada de regras para chegar em casa cansada no fim do dia? Perguntei a um amigo, o que te move? E ele me respondeu depois de um tempo, deitado na grama, com os olhos pousados no sorriso tímido da lua... sabe o que me move? Saber que amanhã eu não serei o mesmo que ontem. Mesmo se eu te encontrar amanhã, a gente não vai ser o mesmo que hoje, porque andar por aí é se arriscar numa verdade que só a gente acredita. (Almeida, 2023)

É interessante observar que em cada uma das cartas, dos trechos apresentados nas escritas dos alunos, a metodologia epistolar dá lugar a uma escrita criativa de si. No caso da carta de Vitória, a chave de leitura do tempo dá espaço ao o incerto, desconhecido, ou o risco. Tomando emprestado as palavras de Vitória, “andar por aí é se arriscar numa verdade que só a gente acredita”. Assim como na carta de Igor, o tempo aqui é do deslocamento de si, entre o ontem e o hoje, o risco de tornar-se outro.

As cartas estabelecem relações subjetivas entre pessoas, que servem como forma de ancorar a realidade vivente em reflexões que fazem sobre si. Quando somos levados ao exercício do manuscrito, realidade e ficção parecem não ser mais uma questão, e sim a expressividade que é potencializada pelo ato de narrar. A aluna Livia Rocha Zardo, estudante do curso de Antropologia, escreve uma carta para sua colega de turma Vitória, como uma ficção de carta-resposta. Ela diz:

Nessa confusão, tento manter em lembrança a beleza do presente como consolo, nos clarões que iluminam as noites de tempestade. O canto dos sabiás quando abro os olhos, o pão com manteiga que me faz levantar, o expurgo da água que me acorda, o cheiro de café e o pôr do sol na orla que trazem as tardes, os amigos e a cama quente que fazem das noites bem-vindas. Os planos de sextas apaixonadas que animam minhas semanas. Os planos dos meses seguintes que fazem os anos passarem. (Zardo, 2023)

Lívia usa imagens de paisagens para compor sua narrativa, como memórias imagéticas que se misturam em sua escrita, agregando sensações e desenhando uma espécie de paisagem sonora, quando ouvimos sua voz lendo a carta. Quase podemos sentir o cheiro e ouvir os pássaros. A linguagem poética aparece, assim, como permeando um discurso de intimidade, revelado pelo próprio exercício criativo da escrita.

O trecho narrado pela aluna Lívia, me fez lembrar do livro “A invenção da paisagem”, da historiadora de arte Anne Cauquelin (2007), em que ela introduz a questão da paisagem através da narrativa da lembrança de um sonho e de histórias que foram a ela contadas sobre a casa que vivera em sua infância. Para a autora, as memórias e os sonhos são partes constituintes do imaginário pessoal e coletivo, que servem como disparadores poéticos para imaginar outros mundos possíveis, outras paisagens. Horizontes móveis em que a sensibilidade e a racionalidade trabalham juntas num exercício de criação. Materiais próprios da arte, dos processos criativos, das experiências sensoriais, sonho e memória são também articuladores da escrita fabulatória. Os horizontes desenhados pelas “paisagens” guardam muitas camadas de sensações, sonhos e memórias, que se articulam num mesmo plano e produzem uma imagem real e fictícia ao mesmo tempo.

A partir do momento que abrimos o campo da criação e da imaginação, realidade e ficção se misturam e tornam-se estratégias sensíveis de comunicação. Este aspecto também se torna evidente ao longo das experiências com o método epistolar, em que os participantes são incentivados a criar.

3.1.4 Ana Clara, Lygia e Hélio

Durante o curso de expressão escrita, na UFF, uma das cartas trabalhadas foram aquelas trocadas entre Hélio Oiticica e Lygia Clark. Em um trecho da carta de Oiticica, fica evidente sua reflexão sobre o conceito de objeto com que os artistas estavam experimentando e criando, nos anos de 1960/70, durante o Movimento Tropicalista. Ele conta:

Lyginha, estou louco para conversarmos pessoalmente: creio que poderemos botar fogo nesse continente. Tenho tido vivências incríveis justamente pelo não compromisso mais com a “obra” mas com a sucessão de momentos em que o agradável e o desagradável é que contam, crio daí objetos ou não; por exemplo, estou agora sem nada aqui e pego o que há de mais essencial, que é nada, por exemplo, uma esteira de palha e coloco no chão para que se deite nela: chamo isso de “probjetessência” (derivado do conceito de “projeto” inventado por Rogério [Duarte] um dia depois de horas de conversa: “projeto” seriam os objetos “sem

formulação” como obras acabadas mas estruturas abertas ou criadas na hora da participação). Agora não sinto necessidade de construir objetos mas uma lata cúbica vazia me deu vontade de colocar água nela e pronto: é para que se olhe aquela lata com água, olha-se como num espelho, o que já não é apropriação como antes mas o objeto aberto essencial, que funcionará conforme o contexto e a participação de cada um; a esteira estendida no chão também. (Figueiredo, 1998, p.52)

Nessa passagem, Hélio revela uma etapa de seu processo criativo, na relação com a obra de arte pela participação do público, do que seria a finalidade da arte pela relação, e do objeto pela experimentação. As cartas trocadas entre Oiticica e Clark reverberaram em alguns alunos, como forma de falarem sobre seus próprios processos criativos, ou sobre como entendem arte. Por exemplo, na carta de Ana Clara Pimenta:

Uma das coisas que mais me interessam na vida é o conceito de conexão e integração humana, um como simultaneamente espelho, parte e influenciador do outro. Meu conceito preferido de arte é o que a define como a experiência, não o objeto: arte como a comoção em si, não o que comove. Acho que a união desses fatores é o que me encanta e me enreda. Mas, no propósito da honestidade, o que me move é a obsessão. Minhas épocas de menos equilíbrio são as mais inspiradas porque sinto a necessidade de esvaziar um dos lados da balança. Tudo vem com a sensação de refluxo, tudo sai queimando e deixa pra trás tanto alívio quanto ácido. (Pimenta, 2023)

As cartas de Ana Clara, ao longo do curso, refletem sobre seus processos de encontro com a arte. Neste trecho em particular, a inspiração provocada pelas cartas dos artistas, aparece na afirmação da arte como experiência, e não do objeto em si. Aqui, o diálogo entre ausentes atravessa décadas, mesmo esta carta não tendo sido escrita para eles. Absorve em nossa contemporaneidade aquilo que ainda é sensível, e torna visível, através de suas palavras, essa relação de tempo-espço.

A escrita de cartas se apresenta como um meio de comunicação analógico, afetivo, íntimo, que aproxima distâncias e subverte o tempo. Como vozes adormecidas ou caladas, que não são necessariamente a obra final, a escrita epistolar também pode funcionar como tecnologia sensível para criação e produção de narrativas autobiográficas. E por seu caráter criativo e fabulatório, pode ser aquilo que Anzaldúa considera um lugar difícil e inevitável, escrever para se manter viva:

Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (Anzaldúa, 2000, p.232)

4. Com amor, considerações finais

As observações feitas a partir das cartas e do Método Epistolar buscaram

refletir sobre as evidências sensíveis levantadas pela reflexão que os jovens fazem sobre si, a partir de uma pequena amostra, os alunos participantes do Projeto de Ensino Missivas Moventes. Tais evidências são orientadas pela produção de escrita criativa de narrativas de si e este ensaio é apenas um ponto de partida de uma pesquisa que se encontra em fase inicial de desenvolvimento. Como hipótese de mobilizar outra dimensão simbólica através das cartas, observamos que as cartas, ao abrirem-se a uma escrita criativa, manual e de lento processamento, refletiram sobre questões subjetivas de seus escritores, inclusive no que tange ao tempo contemporâneo, inclusive sobre o tempo digital.

Neste aspecto, acredito ser possível, como continuidade de pesquisa, articular a escrita de cartas como metodologia sensível de comunicação para mapear em uma cartografia afetiva a produção subjetiva de culturas juvenis contemporâneas. A metodologia de cartas escritas, não para serem enviadas, mas para instigarem a escrita autobiográfica, poderá servir como articulação potente na construção de um saber relativo à produção subjetiva. Ao que concerne o campo da comunicação, pretende-se encaminhar a pesquisa do Método Epistolar como tecnologia sensível de comunicação de lento processamento. A carta como mídia analógica e tecnologia sensível de comunicação é o ponto de onde busco encaminhar, em pesquisa de pós-doutorado, o desenvolvimento do Método Epistolar.

Dentro do campo de estudos de mídias, é possível pensar que as mídias não são apenas compreendidas por seus aspectos funcionais imediatos. Marshall McLuhan (1969) foi um dos primeiros teóricos a deflagrar tal condição, quando formulou que “o meio é a mensagem”, trazendo ao pensamento crítico da comunicação a ideia de que as mídias carregam mais do que informações, elas são também potencialmente produtoras de sentido. Com base em abordagens que avançam a partir de McLuhan, é possível pensar que a materialidade dos objetos também influencia na maneira como sujeitos experenciam o social e o político.

Essas ideias se afinam com o pensamento sobre a arqueologia das mídias, que olha para o presente a partir do encontro com o passado das mídias e pode ressignificá-las em um gesto que é também criativo, inventando novos usos ou maneiras de se relacionar. Neste aspecto, é entender que mesmo aquilo considerado “velho”, obsoleto ou fora de uso - como a carta, por exemplo -, pode ser ressignificado como “novo”. Ou, como afirma Zielinsk (2002) no livro “Arqueologia da mídia”: “se deliberadamente alterarmos a ênfase, virarmos de ponta-cabeça e experimentarmos, o resultado vale a pena: não procuraremos o velho no novo, mas encontraremos algo novo no velho.” (Zielinsk, 2002, p. 19). A arqueologia da mídia pode funcionar como uma chave teórica para articular a relação das cartas em nossa contemporaneidade.

...

Pensar o Método Epistolar aplicado em sala de aula como projeto de ensino, e nos temas emergentes nas cartas dos alunos, me leva de volta às minhas próprias memórias de infância e adolescência, de pessoa nascida e criada nos anos 1980/90, que viveu a experiência de troca de cartas com amigos e familiares distantes. Talvez pela emoção que é se abrir e ouvir/ler os relatos que se presentificam em formato de missivas, como pequenos segredos, íntimos e potentes,

que me fazem acreditar também na potência do método como tecnologia sensível de comunicação. Talvez por toda influência de bell hooks em meus últimos anos como sua leitora, que reafirma o poder falar, teorizar, escrever sobre sua história pessoal como processo de cura (1995). Ou pela influência da pedagogia libertária de Paulo Freire, que entende o afeto como articulador de processos de ensino-aprendizagem, nas trocas entre professor e aluno (1996).

Assim, escolho finalizar este ensaio com uma passagem da carta do aluno Romulo Magalhães, escrita para mim, a professora:

Como é o ser intenso entre professor e aluno, no convívio acadêmico, no critério de avaliação? Já que os alunos [se] inspiram também na academia, querendo ser professor, para se espelhar no modo acadêmico. Inspiração de como escrever uma carta, como se comportar perante à classe sem ser julgado, no modo de escrever uma carta, no modo de falar dos autores, no modo de se expressar? (Magalhães, 2023, grifo meu)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880> Acesso em: 5 jun. 2024.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOUVET, Nora. *La escritura epistolar*. Buenos Aires: Eudeba, 2006.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins, 2007.

COSTA, Renata F.; DE SÁ, José D.F.; BARBOSA, Luiza D.S. Análise pragmático-discursiva de cartas trocadas entre Epifânio Dória e José Calasans. In: *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: USP, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1 Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FIGUEIREDO, Luciano (Org). *Lygia Clark – Hélio Oiticica: cartas (1964 – 1974)*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 1998.

GORINI, Paula. Carta para ELAS: um estudo sobre práticas de comunicação não-hegemônica para mídia sonora. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, [S. l.], v. 10, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21890>

GORINI, Paula. *Corpo político e disputas em rede: discursos, performatividades e dissenso nas lutas políticas contemporâneas*. 2020. 256 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ. Rio de Janeiro, maio de 2020.

LISPECTOR, Clarice. *Todas as cartas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MISSIVAS MOVENTES. Projeto de Ensino. Professora responsável: Paula Gorini. Departamento de Estudos Culturais e de Mídia. UFF, 2023.

MORAES, Marco Antonio. Epistolografia e Crítica Genética. In: *Ciência e Cultura*, v. 59, n. ja/mar. 2007, p. 30-32, 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2024.

RODRIGUES, Sergio [org.]. Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

ROLNIK, Suely. Geopolítica da cafetinagem. Conferência, 2006. Acesso em: <http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>

SHAUN, Usher [org.]. Cartas Extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

SIBILIA, Paula. Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo. In: BRUNO, Fernanda. (Org.) *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

VAN GOGH, Vicent. Cartas a Théo. Tradução de Pierre Ruprecht. Porto Alegre (RS): LP&M, 2010.

ZIELINSKI, Siegfried. Arqueologia da mídia: em busca do tempo das técnicas do ver e ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

CARTAS DOS ALUNOS:

Ana Clara Pimenta
Bruno Mendes Correia Nemer
Igor Gomes de Freitas
Livia Rocha Zardo
Maria Eugênia Gomes Sans
Romulo Carvalho Magalhães
Vitoria Lucas Monteiro de Almeida